



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A PEDAGOGIA NO ENTORNO SUL DO DF: A EXPERIÊNCIA DE ATUAÇÃO NO
PROJETO LEIA- LEITURA E AÇÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS**

JESSICA RIBEIRO PENHA DA SILVA

BRASÍLIA/ DF

2018

JESSICA RIBEIRO PENHA DA SILVA

A PEDAGOGIA NO ENTORNO SUL DO DF: A EXPERIÊNCIA DE ATUAÇÃO NO PROJETO LEIA- LEITURA E AÇÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação- FE, para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília- UnB, sob a orientação do Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses.

BRASÍLIA- DF

2018

A PEDAGOGIA NO ENTORNO SUL DO DF: A EXPERIÊNCIA DE ATUAÇÃO NO PROJETO LEIA- LEITURA E AÇÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação- FE, para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília- UnB, sob a orientação do Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses (Orientador- FE/ UnB)

Prof Dra. Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro Alves (Examinadora Externa – SEEDF)

Profa Msa. Lenilda Damasceno Perpétuo (Examinadora Interna – PPGE/UnB)

Professor Ms. Wallace Roza Pinel (PPGE/UnB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que em nenhum minuto me desamparou. Dedico também a minha família que incentivou e me ajudou para que esse sonho se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Hoje, ao estar finalizando mais essa etapa, tenho muito a agradecer a Deus primeiramente, pois a fé sempre me manteve consciente e com o coração sereno para enfrentar as adversidades da vida.

Minha família também merece meus agradecimentos, pois desde que passei no vestibular sempre me apoiou, me ajudou com meus filhos, entendendo minha rotina corrida, tentando suavizar a pressão sobre mim. Meus pais (José e Flor), meu marido (Tiago) e meu irmão (Douglas) são personagens indispensáveis para que atualmente eu esteja concluindo o Ensino Superior.

Também não posso deixar de agradecer ao Professor Erlando Rêses e a seus programas/projetos, como o FORMANCIPA e Leia, que me mostraram o lado mais belo da Universidade, que é quando o conhecimento científico sai das salas de aula e chega a comunidade, amparando-a. Sem dúvida esses projetos transformaram a minha vida e foram fundamentais na construção da cidadã que sou hoje.

Agradeço também a todos os professores, servidores, trabalhadores terceirizados e informais que fazem parte da Universidade de Brasília, que vocês possam sentir orgulho do bem que o trabalho de vocês gera na vida das pessoas.

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes”.

Paulo Freire (2000, p.33)

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa acadêmica, utilizando a metodologia qualitativa para investigar as potencialidades e limites do pedagogo na educação não-formal em uma ação de extensão universitária denominada Projeto Leia - Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças. O Leia é um Projeto de Extensão e Ação Contínua (PEAC) da Universidade de Brasília (UnB), que tem a finalidade de promover o incentivo à leitura para crianças de 4 a 12 anos, no sentido de democratizar a informação e o desenvolvimento educacional, cultural e social da comunidade que além de promover a formação e criatividade do indivíduo possibilita também a elevação da auto-estima e a integração social, despertando uma visão crítica e consciente na sociedade. Essa atividade é feita em parceria a ONG Serpajus (Serviço de Paz, Justiça e Não Violência), no município do Novo Gama, bairro de Pedregal, no Estado de Goiás. As atividades desenvolvidas no projeto são atividades de educação não-formais que contribuam para a construção do indivíduo consciente, tornando-se uma importante ferramenta de inclusão social para a comunidade, incentiva o hábito de leitura sob uma perspectiva emancipadora, oferecendo ao público beneficiário um convívio com a arte, a ludicidade e a criatividade e contribui, por meio de práticas pedagógicas, com o desenvolvimento motor, cognitivo e da linguagem das crianças. Há a participação direta de estudantes do curso de Pedagogia da UnB e membros do Serpajus, no planejamento, organização e execução de leiturização e lúdico-pedagógicas. Pesquisamos seis integrantes do Projeto Leia e, após a análise dos dados coletados pela pesquisa, conclui-se que o trabalho da pedagoga e do pedagogo no projeto é indispensável, efetivo e desafiante, visto a realidade social em que essas crianças estão inseridas.

Palavras-chave: Leiturização; Educação não-formal; Extensão Universitária; Pedagogia; Pedagogo.

LISTA DE SIGLAS

ENEM	Enem Exame Nacional de Ensino Médio
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LeiA	Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças
ONG	Organização Não Governamental
SERPAJ	Serviço de Paz e Justiça
SERPAJUS	Serviço de Paz, Justiça e Não- Violência
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

MEMORIAL	10
1. INTRODUÇÃO	12
2. PEDREGAL (GO) E PARCERIA ENTRE UnB E SERPAJUS	14
3. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E PROFISSÃO DE PEDAGOGO(A)	19
4. PROJETO DE EXTENSÃO “LEIA”	25
5. METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	36

MEMORIAL

Minha memória educacional é muito emotiva com muitos personagens especiais. Minha família sempre me mostrou o mundo educacional como algo importante e que me traria muitas coisas boas. Desde muito pequena já me apresentavam as letras e os números e me contavam como eu teria muitos amigos e uma professora muito legal quando fosse a escola, eu sonhava muito com o primeiro dia de aula.

Comecei a estudar aos 5 anos de idade e como por todo o resto de tempo escolar, em uma escola pública, escola na qual minha filha também estudou. Lembro-me até hoje das duas professoras que tive e atualmente ainda nos cumprimentamos quando nos encontramos. Finalizei a Educação Infantil alfabetizada e por tal motivo fui oradora na formatura. Continuei os anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola próxima a casa dos meus pais, onde atualmente minha filha estuda. Pelo fato de haver me alfabetizado na Educação Infantil, não cursei a 1ª série e já comecei na 2ª série. Meus pais ficaram muito orgulhosos e eu não tive problemas em acompanhar o conteúdo.

A partir da 5ª série fui para outra escola, continuava sempre a me destacar cognitivamente entre outros alunos e na 7ª série a escola dava a oportunidade de entrar no Centro de Línguas, onde cursei durante 7 anos o curso completo de Inglês, curso que junto ao de Pedagogia me proporcionam o atual emprego em que me encontro.

Durante o Ensino Médio, eu já não me preocupava tanto com os estudos, eu comecei a trabalhar em uma escola pelo programa Jovem Aprendiz e me contentava somente em passar nas matérias. Eu sempre era representante ou vice da minha turma, gostava muito destas funções. Enfim, concluí mais etapa e minha família ficou muito orgulhosa. Eu me sentia satisfeita e pronta para o mercado de trabalho.

A Universidade parecia um sonho, a UnB inalcançável, mas com o Enem consegui uma bolsa de 100% no curso de Pedagogia a distância, mas adiei a entrada no Ensino Superior, pois estava grávida. Minha mãe sempre dizia para que eu fizesse o vestibular da UnB, mas eu sempre dizia que era necessário um curso pré-vestibular, mas depois de muita insistência decidi fazer.

Passei, com uma nota considerável, no 1º vestibular de 2013 e muitas portas se abriram fora e dentro de mim. Estou no meu terceiro emprego que veio graças ao curso de Pedagogia,

atualmente com carteira assinada, já estou há 3 anos participando de atividades de extensão, antes no FORMANCIPA e atualmente no LeiA. Tive meu segundo filho e finalmente estou completando mais essa etapa e não será a última.

Sei que este não é o fim da minha memória educacional e que o futuro trará mais lindos anos de estudos para mim.

1. INTRODUÇÃO

Este é um trabalho acadêmico que pesquisa sobre a atuação do pedagogo no projeto Leia- Leitura e Ação Lúdico-pedagógica para Crianças, um projeto de extensão da Universidade de Brasília em parceria com a ONG SERPAJUS- Serviço de Paz, Justiça a Não-Violência. O projeto ocorre na sede dessa entidade, que fica localizada no bairro do Pedregal, no município do Novo Gama, Estado de Goiás. O público alvo do projeto são crianças de 4 a 12 anos, moradoras do próprio município.

Diferentemente do método tradicional que as crianças encontram na escola, é um projeto de educação não formal, com atividades baseadas na leitura, realizado semanalmente aos sábados.

Segundo o MEC, a educação formal é aquela que ocorre nos sistemas de ensino tradicionais; a não formal corresponde às iniciativas organizadas de aprendizagem que acontecem fora dos sistemas de ensino; enquanto a informal e a incidental são aquelas que ocorrem ao longo da vida.

O projeto é organizado e coordenado pelo professor Erlando da Silva Rêses, da Faculdade de Educação da UnB, alunos do curso de Pedagogia da UnB e participantes do SERPAJUS. Baseados na leitura, as atividades são planejadas e desenvolvidas com as crianças aos sábados pela manhã.

O Novo Gama é um município do estado do Goiás localizado há 34 Km de Brasília. As crianças atualmente assistidas pelo projeto geralmente sempre eram vistas nas proximidades de onde o projeto é realizado.

Inicialmente, onde ocorre hoje o Leia, ocorria o programa Formancipa- Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior, mas após não termos por alguns semestres público suficiente para formar uma turma, pensamos que aquelas crianças que sempre estavam na rua poderiam ser um ótimo público para que fosse exercido um trabalho

pedagógico, utilizando toda a teoria que a Universidade havia nos ensinado. Assim começou o planejamento e logo após a execução do projeto LeiA.

Como a própria sede do SERPAJUS abriga a Biblioteca Comunitária, utilizamos também o acervo literário infantil desta biblioteca.

Segundo Reyes (2010), ao oferecermos leitura para crianças podemos contribuir com a construção de um mundo mais equitativo, ou seja, um mundo mais justo no qual todos terão a mesma oportunidade de acesso ao conhecimento e a expressividade desde o começo da vida. Este é o objetivo central do projeto, que a leitura seja muito mais do que o ato de ler, mas que tenha significado e que traga conhecimento e criticidade para a criança e que esta possa utilizar o conhecimento adquirido através da leitura na sua visão de mundo e em suas práticas sociais.

Pesquisar sobre o papel do pedagogo nesse espaço de educação não formal fornece material sobre diferentes espaços não escolares em que o pedagogo pode atuar, além da Universidade desempenhar um de seus pilares- o da extensão, onde o conhecimento é utilizado na comunidade e assim aprendermos com um projeto com finalidade e prática tão importantes a uma comunidade desassistida de políticas públicas efetivas, que evitasse um grau tão elevado de violência.

Para investigar o papel do pedagogo no projeto, seus desafios e potencialidades, foi utilizada a metodologia qualitativa, com um questionário respondido por alunos do curso de Pedagogia que atuam no projeto.

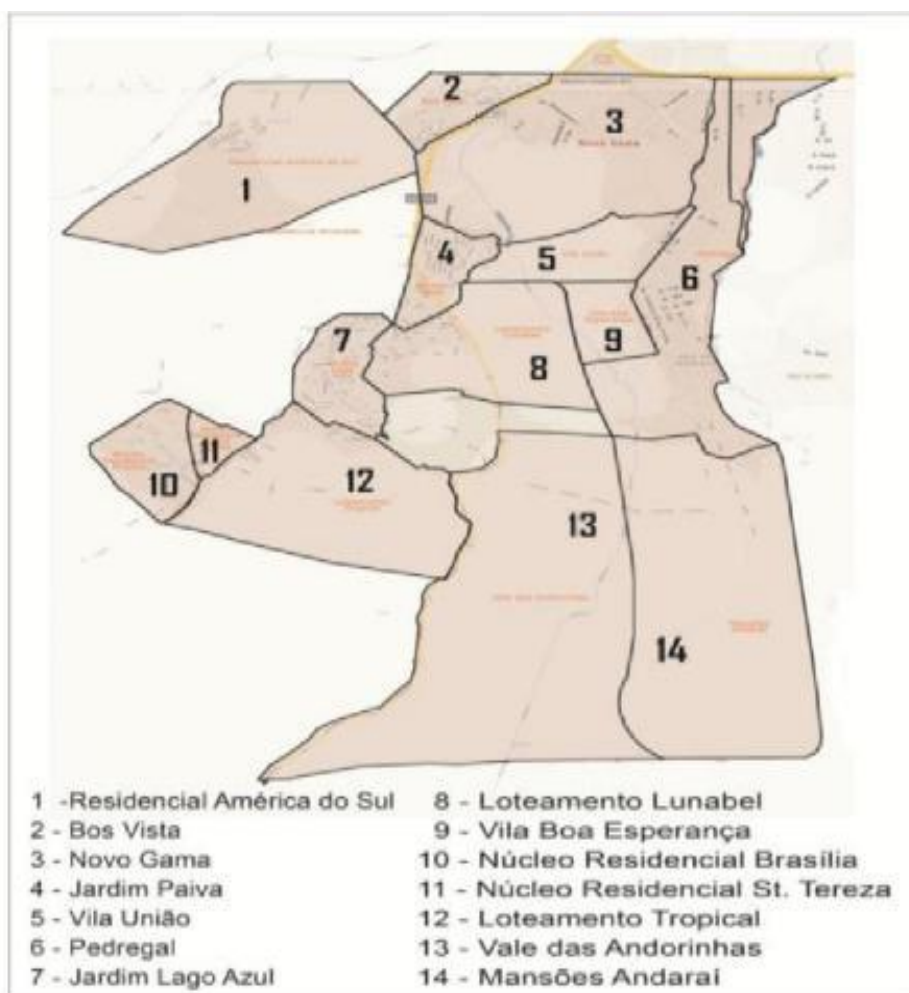
Tesch (1990, p. 55) lembra que, na investigação qualitativa, o pesquisador reúne informações que não podem ser expressas em números. Por meio do questionário os envolvidos no projeto puderam relatar sobre suas experiências, desafios e o que poderia melhorar em suas atuações.

2. PEDREGAL (GO) E PARCERIA ENTRE UnB E SERPAJUS

O projeto Leia, que ocorre na sede da ONG SERPAJUS, fica localizado no bairro do Pedregal, no município do Novo Gama e todas as crianças que participam do projeto vivem nesse mesmo bairro.

O município do Novo Gama se localiza no leste do Estado do Goiás, na área que já fez parte do município de Luziânia e foi emancipado por meio da Lei Estadual No.12.680 de 19 de julho de 1995.

Gráfico 1 – Mapa dos principais bairros do Município de Novo Gama (Rêses, 2015)



Fonte: adaptação do Google Maps por Antônio do Nascimento Ribeiro

A Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios de 2017 contabilizou no município do Novo Gama uma população urbana de 108.883 habitantes.

As características educacionais levantadas pela PMAD no município do Novo Gama revelam a existência de 27.654 estudantes no município, o que corresponde a 25,56% da população. Desses, 21,93% (23.875) dos que estudam o fazem em escolas públicas e 3,43% (3.735) em escolas particulares. Ao serem analisados os níveis de escolaridade da população do Novo Gama, sobressaíram-se três níveis de ensino: o fundamental incompleto, com 37,53% (40.859 pessoas); o médio completo, com 21,11% (22.986 pessoas); e o médio incompleto, com 11,72% (12.760 pessoas). A proporção de crianças com até 6 anos fora da escola é de 6,94%.

Ainda sobre os dados do PMAD 2017, a população urbana acima de 10 anos no município do Novo Gama totaliza 94.122 pessoas. Desse total, podem ser classificados como População Economicamente Ativa (PEA) 47.572 pessoas, das quais 35,69% ou 38.858 pessoas possuem trabalho remunerado, 0,16% ou 178 moradores são aposentados trabalhando e os declaradamente desempregados, 7,84% ou 8.536 pessoas.

Em relação a renda domiciliar média mensal do município é de R\$ 1.871,31 ou 1,99 Salários Mínimos (SM). Quanto à renda per capita média mensal, a pesquisa revelou ser de R\$ 607,30, ou 0,65 SM (Tabela 6.9). Já o grau de desigualdade, medido pelo Índice de GINI, é de 0,420, o que indica um grau de distribuição de renda bastante homogêneo entre os moradores do Novo Gama.

Já em relação ao tipo de esgotamento sanitário da região, o percentual de domicílios ligados à rede geral é de 36,00%. As fossas sépticas são utilizadas por 60,80%, um percentual muito elevado. Houve registro de reduzido percentual de fossa rudimentar, com 2,67%, e esgotamento a céu aberto, com 0,40%

O Novo Gama ocupa o 20º lugar entre as cidades mais violentas do país, de acordo com o Atlas da Violência de 2017.

As 30 cidades mais violentas

1	Altamira, PA	16	Marituba, PA
2	Lauro de Freitas, BA	17	Almirante Tamandaré, PR
3	N. Senhora do Socorro, SE	18	Alagoinhas, BA
4	São José de Ribamar, MA	19	Eunápolis, BA
5	Simões Filho, BA	20	Novo Gama, GO
6	Maracanaú, CE	21	Luziânia, GO
7	Teixeira de Freitas, BA	22	Santa Rita, PB
8	Piraquara, PR	23	São Luís, MA
9	Porto Seguro, BA	24	Senador Canedo, GO
10	Cabo de Santo Agostinho, PE	25	Ananindeua, PA
11	Marabá, PA	26	Trindade, GO
12	Alvorada, RS	27	Caucaia, CE
13	Fortaleza, CE	28	Igarassu, PE
14	Barreiras, BA	29	Serra, ES
15	Camaçari, BA	30	Feira De Santana, BA

Fonte: IPEA

A situação se torna ainda mais preocupante ao filtrar os dados por territórios menores. O município de Novo Gama, não é apenas o mais violento de Goiás, é o mais violento da região Centro-Oeste, o que é um dado muito grave e reflete a soma de todos os outros problemas que estão sendo listados.

Muito mais são os problemas enfrentados pela população desse município, se fazendo necessárias e urgentes políticas públicas eficazes, mas enquanto o governo não faz sua parte em garantir qualidade de vida para população, ONGs e diversas instituições tentam através de ações minimizar tais problemas.

Inicialmente no Pedregal – mais uma região com problemas resultantes das desigualdades sociais e da incapacidade governamental na solução destes problemas – fundou-se o núcleo SERPAJ/Pedregal que fazia parte do SERPAJ/Brasil (Serviço de Paz e Justiça), uma organização não governamental e sem fins lucrativos, presente em diversos outros municípios brasileiros. Contudo, com o fim do SERPAJ/Brasil em 2001, a unidade do Pedregal continua atuando na região do Pedregal, então dando origem a sigla SERPAJUS.

Sua finalidade foi/é a promoção da vida em todas as suas dimensões, usando os princípios da justiça, do humanismo, da

solidariedade, da educação para a paz, da não – violência, da firmeza permanente, dos direitos humanos, da equidade, do direito ao trabalho digno, da solidariedade e da defesa e a proteção ao meio ambiente, além disso, tem a autogestão como diretriz (RÊSES e SILVA, 2015, p. 95).

SERPAJUS - Serviço de Paz, Justiça e Não-Violência – é uma entidade civil e popular fundada em 1987, como grupo Mahatma Gandhi, feito por jovens da Igreja Católica São Pedro Apóstolo na região do Pedregal - Novo Gama, onde atua até os dias atuais.

Muitas foram as ações advindas do trabalho SERPAJ e SERPAJUS, contribuindo positivamente para a vida da população da região do Novo Gama como:

1. Movimento Água para Todos nos anos de 1980¹;
2. Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos pelos princípios metodológicos de Paulo Freire nos municípios do Novo Gama, Cidade Ocidental, Luziânia e Distrito Federal entre 1989 e 1999²;
3. Mutirões para reformar e ampliar a sede do SERPAJUS³;
4. Bazares e festas juninas que contribuem para a manutenção da sede;
5. Palestras nas escolas da região e faculdades da região do Distrito Federal sobre Educação para a Paz, Direitos Humanos e Não-Violência;
6. Curso de Educação Ambiental para professores e a comunidade em parceria com a UnB⁴;
7. Projeto de Educação Ambiental com a produção e o plantio de mudas de árvores

¹ O Decanato de Extensão da UnB tem sua primeira atuação no Novo Gama-GO, cidade do Pedregal, com a Luta pela instalação da água encanada, em 1987. Em parceria com o Grupo Reivindicatório da Água, movimento social da região, a UnB, por meio de assessoramento técnico do Departamento de Engenharia Civil, conquista a implantação da água no Pedregal. Audiovisual sobre a ação disponível em <http://formancia.blogspot.com/p/videos.html>. Acesso em 12 de julho de 2018.

² Sessão Especial na Câmara Municipal de Luziânia (Alfabetização de Jovens e Adultos) - agosto de 1990. Audiovisual sobre a ação disponível em <http://formancia.blogspot.com/p/videos.html>. Acesso em 12 de julho de 2018.

³ Cf. capítulo 3 do E-book “Universidade e Movimentos Sociais” intitulado “Universidade e Movimentos Sociais na Periferia da Metrópole: Parceria no Entorno Sul do DF. Disponível em: <http://www.finotracoeitora.com.br/livros/RS0066/9788580542899/universidade-e-movimentos-sociais.html> . Acesso em 11 de agosto de 2018.

⁴ Cf. site do SERPAJUS. Disponível em: <https://www.serpajus.com.br/>. Acesso em: 11 de agosto de 2018.

nativas da região reflorestando e revitalizando a mata ciliar do Ribeirão Santa Maria em participação com a UnB (RÊSES E SILVA, 2015).

Com a meta de promover melhorias sociais para a população desta região, muitos foram e são as ações desenvolvidas e apoiadas pela SERPAJUS em parceria com a UnB, disponibilizando o espaço onde o projeto ocorre e a participação dos integrantes da ONG em atividades do LeiA. A UnB disponibiliza os materiais usados nas atividades pedagógicas e os monitores que realizam as atividades são estudantes do curso de Pedagogia, matriculadas e matriculados em disciplinas do currículo do curso (projetos 3 e 4) ou vinculados à Extensão Universitária, com a incidência de créditos no histórico escolar.

O FORMANCIPA – Formação Integrada e Emancipadora de acesso à Educação Superior – é mais um exemplo da parceria entre o SERPAJUS e a UnB. É um Programa que deu origem ao LeiA – Leitura e Ação Lúdico-pedagógica para Crianças, a atual iniciativa que também resulta desta parceria, onde a universidade executa um de seus três pilares: o da extensão.

O SERPAJUS possui sua sede no próprio bairro do Pedregal, onde são realizadas e planejadas diversas ações da parceria entre esta entidade e a UnB, inclusive o projeto Leia. A sede também abriga grande acervo de livros com mais um projeto desta parceria com a UnB, a Biblioteca Comunitária Dinâmica do Novo Gama, onde toda a comunidade pode ter acesso a uma grande variedade de livros.

Os integrantes dessa ONG são antigos e atuais moradores da região, que apesar dos fatores sociais que fortalecem a desigualdade em nossa sociedade, conseguiram ter acesso a uma situação de vida melhor e sempre lutaram pela melhoria de vida desta comunidade.

Imagem 1 – Espaço físico de desenvolvimento do LeiA



Fonte: Arquivo do grupo.

A ideia da criação do Projeto Leia, a organização e manutenção do espaço onde este ocorre, o planejamento das atividades e a aquisição dos materiais utilizados são todos realizados em conjunto pelos estudantes da UnB, professor coordenador do projeto e participantes do SERPAJUS.

Todas estas informações mostram a importância e a efetividade desta parceria, onde estudantes e comunidade são beneficiados, abrindo sempre portas para novas experiências onde a Universidade se insere na comunidade usando o saber em prol da sociedade que ali vive, mesmo que distante quilômetros do Campus, uma grande oportunidade de atuação da extensão universitária com propósitos sociais para toda a população.

4. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E PROFISSÃO DE PEDAGOGO (A)

Quando só a escola parece não suprir todas as necessidades a ela impostas pela educação formal, que ocorre na instituição chamada escola, surge uma nova modalidade educacional: a educação não formal. A primeira vez que o termo “educação não formal” fora usado foi na década de 1960, em um período quando inúmeras discussões educacionais criticavam a instituição escola da época.

Até os anos 80, a educação não - formal foi um campo de menor importância no Brasil., tanto nas políticas públicas quanto entre os educadores. Todas as atenções sempre estiveram concentradas na educação formal, desenvolvida nos aparelhos escolares institucionalizados (GOHN, 1999, p.91).

Levando em consideração a história educacional no Brasil desde dos jesuítas até os dias atuais fica fácil ver uma tendência em importar modelos educacionais desenvolvidos em outros países e assim também acontece com a educação não formal. Segundo Gohn (2008), esta modalidade aborda processos educativos que acontecem fora da escola, em organizações sociais, movimentos não governamentais e em outras entidades filantrópicas que atuam na área social. Tal modalidade escolar aparece mais fortemente no Brasil após a década de 1990 com o crescimento do número de ONG's, com a maior participação dos movimentos sociais e com as mudanças no mundo do trabalho.

Quando em 1990 a educação passa a ser abordada enquanto processo de ensino e aprendizagem adquirida ao longo da vida, abre-se espaço para novas práticas e pesquisas que envolvem a educação não formal, gerando a valorização do conhecimento construído coletivamente, a aprendizagem ao longo da vida e a preocupação com a mudança social.

Lembramos que “[...] a educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (GOHN, 2010, p. 16). Há a tendência de tentar inferiorizar tal modalidade educacional, enaltecendo a modalidade formal e o conhecimento historicamente acumulado e cientificamente comprovado ao longo dos anos, tornando a educação não formal como atividade assistencialista.

A educação não formal, diferentemente da formal que ocorre na escola, não possui um espaço específico que a caracterize podendo ocorrer em diferentes locais no:

[...] bairro – associação, nas organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações Não Governamentais, nos espaços

culturais [...] nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa etc. (GOHN, 1999, p.101).

Para Gohn (1999), a educação não formal pode ser desdobrada em quatro dimensões que correspondem a pelo menos seis áreas. A primeira refere-se à aprendizagem política dos direitos humanos, movimento este que gera a conscientização dos sujeitos na direção da compreensão crítica da tríade: indivíduo, contexto social e natureza de forma participativa. A segunda, diz respeito ao desenvolvimento das pessoas para o trabalho. A terceira remete à aprendizagem e às práticas que possibilitem os sujeitos a viverem coletivamente. Isto quer dizer que, a partir dos objetivos comuns, voltadas para a solução de problemas do cotidiano do grupo social a que pertencem. A quarta dimensão, tão importante quanto às demais, é a da aprendizagem dos saberes da educação formal, da escola, em lugares diferenciados. A aprendizagem em espaços não formais é mais espontânea e o grupo social responsável por este processo tem autonomia na definição dos saberes, como também, tem poder na definição dos fins designados àquelas práticas. A quinta, dedica-se à parte da educação desenvolvida e veiculada pela mídia. A sexta, tem a ver com o compromisso da educação para com a vida.

Entender a educação não formal como prática assistencialista é limitá-la. Essa modalidade educacional vai além do assistencialismo, desenvolvendo a aprendizagem por meio de práticas sociais e aprimorando o sentimento de pertencimento e responsabilidade social nos indivíduos. Esta deve ser entendida como um direito de todos, para que a sociedade receba os benefícios de tal prática, como uma educação que ampliará os conhecimentos recebidos na educação escolar e na familiar. Nesse contexto, é importante considerar:

As políticas sociais tendem a ser formuladas para o atendimento de clientela específicas, agrupadas e categorizadas como: índio, negro, mulher, terceira idade, menino de rua etc., e não mais por ser “um pobre” ou por ser demandante de serviços (transporte, saúde, educação etc.) ou habitação. Ou seja, as políticas sociais perdem o caráter universalizante e passam a ser formuladas de forma particularista, visando clientela específicas, e neste processo tanto podem contemplar os interesses das minorias demandatárias como vir a ser segregativas/excludentes. Tudo depende da correlação de

forças políticas ao redor daqueles que coordenam tais políticas e do aproveitamento, por parte dos atores sociais envolvidos no processo de gestão, da estrutura de oportunidades políticas que a conjuntura mais ampla do país desenha. E quem passa a gerenciar estas políticas? São as novas parceiras entre o Estado e a comunidade organizada, no setor público não - estatal, lócus dos novos espaços de negociação e de conflito social e das práticas da educação não formal (GOHN,1999, p.12).

A comunidade cada vez mais assume o papel do Estado na tentativa de minimizar gigantes desigualdades sociais existentes, na tentativa de proporcionar melhor qualidade de vida a grupos sociais que são marginalizados socialmente. A educação não formal busca, como expressa Chagas (2006, p.57):

Desenvolver um trabalho no qual as pessoas sejam capazes de compreender o seu contexto sociopolítico-econômico-cultural, exercendo neste entorno, sua cidadania de forma adequada. O que revela tratar-se, assim como a educação formal, de uma ação intencional e, portanto, destinada a alcançar determinados fins, porém não em nível escolar. No que tange à educação não-formal, a concepção de educação permanente apresenta grandes semelhanças com a de desenvolvimento cultural da comunidade, não podendo ser posta em ação sem mudanças sociais profundas.

A educação não formal não se restringe a uma área específica do conhecimento, mas utiliza as áreas do conhecimento para desenvolver o sujeito e assim posteriormente desenvolver a comunidade da qual este sujeito faz parte. É uma área aberta, não estática, em constante movimento e aprimoramento, uma vez que propõe uma educação inovadora e transformadora.

Na educação não - formal a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos. Organizam-se processos de acesso à escrita e à leitura – por meio de métodos de alfabetização – para coletivos específicos, a saber: grupos de trabalhadores, grupos de jovens, adultos etc. (GOHN, 1999, p.102).

Esta modalidade não vem para acabar com a educação formal ou com a informal, mas traz a possibilidade de interagir com os saberes adquiridos nessas outras modalidades, desenvolvendo o aprimoramento de inúmeras habilidades para o social. Acreditar que se aprende em diversos espaços não significa pensar em criar “uma categoria anti-escolar ou um antagonismo à educação formal - escolar” (HERNANDEZ, 2000, p. 128) e sim refletir sobre espaços de aprendizagem de forma mais ampla, não necessariamente ligada às escolas e o pedagogo é o profissional responsável por atuar nesta modalidade educacional.

Atualmente, o professor não é uma função de prestígio e sonhada pelos estudantes que estão finalizando o Ensino Médio devido ao fator financeiro, pois esta profissão não é bem remunerada comparada a outras profissões também de nível superior.

Segundo Souza e Merlino (2011, p.68) conceituando a pedagogia:

A pedagogia é a área de conhecimento que estuda a educação, os princípios e métodos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, e a administração de escolas e instituições educacionais. Nesse sentido, o pedagogo pode atuar tanto na administração quanto diretamente no magistério, exercendo a função do professor.

Apesar da profissão estar na mente das pessoas ligada somente ao exercício de lecionar, o pedagogo pode desempenhar sua função em diferentes lugares além da escola, mas sempre em funções que envolvam a educação e o processo de ensino e aprendizagem.

Libâneo (2006, p.215) informa que “(...)o pedagogo é todo profissional que lida com a formação de sujeitos, seja em instituições de ensino, seja em outro lugar.” Tais palavras reafirmam que o local não é importante, mas sim a função a ser desempenhada.

O pedagogo, profissional habilitado por meio do curso superior em Pedagogia que tem duração média de 4 anos, é um profissional apto a desenvolver diversas atividades relacionadas a Educação, como é o caso do pedagogo hospitalar e do pedagogo empresarial.

Ao analisarmos a palavra “Pedagogia” que é de origem grega, está é derivada da palavra paidagogos, paidós (criança) e agodé (condução), nome dado aos escravos que conduziam as crianças à escola, aquele que ajuda a conduzir o ensino, encarregado também de propiciar

formação intelectual e [cultural](#). Com o tempo, esse termo passou a ser utilizado para designar as reflexões realizadas em torno da educação; ou seja, a preocupação da pedagogia é encontrar formas de levar o indivíduo ao conhecimento.

Para Libâneo (2010) o pedagogo é o profissional que se ocupa de várias instâncias das práticas educativas, qualificado para atuar nas demandas socioeducativas. Ressalta ainda que estes espaços exigem profissionais que exercem sistematicamente atividades pedagógicas nas áreas ligadas à cultura e promoção social. Atuando como instrutores, formadores, organizadores, orientadores e agentes de difusão social, desenvolvendo e aplicando projetos sociais.

Segundo Brandão (2002, p. 55):

Toda educação sonha uma pessoa. Sonha um tipo de mundo realizado através de diferentes categorias de interações entre as pessoas. E uma diferença importante entre as propostas e os processos dos diferentes projetos de criação de pessoas, através do ofício de educar, está na maneira como cada um dos ideários pedagógicos possíveis pensa e faz interagir estas perguntas fundadoras que os gregos e outros nos deixaram: que tipo de mundo criar, manter ou transformar? Como e através de quem? Que pessoas podem, e como poderiam realizar isto? Qual o lugar e o alcance da educação em tudo isto?

O pedagogo possui grande responsabilidade, uma vez que seu trabalho implica diretamente no desenvolvimento e na construção do sujeito e indiretamente na manutenção da sociedade e da comunidade. Este deve entender qual é seu papel e estar apto para desenvolvê-lo, tendo sempre em mente as melhorias sociais que seu trabalho pode gerar se bem feito.

5. PROJETO DE EXTENSÃO “LEIA”

O projeto Leia é um projeto de extensão da Universidade de Brasília, criado no ano de 2017, mais um fruto da parceria entre a UnB e a ONG SERPAJUS no município do Novo Gama.

A ideia da criação deste projeto veio de estudantes do curso de Pedagogia da UnB, que participavam de um Programa de Extensão da UnB, o Formancipa, que é um programa que promove a democratização do acesso à Educação Superior. Durante alguns semestres o Formancipa não teve quantidade de pessoas suficiente para que formasse turma no Novo Gama, atendendo somente no município do Valparaíso. Estudantes que participavam da equipe pedagógica, perceberam que havia muitas crianças nas redondezas da sede do SERPAJUS e decidiram criar um projeto para estas crianças.

Em reunião, estudantes da UnB, participantes do SERPAJUS e o professor coordenador de ambos os projetos/programas, decidiram pela criação de um projeto voltado às crianças e que o tema central seria a leitura. Posteriormente foi escolhido o nome LeiA, que significa Leitura e Ação.

Este é um projeto para crianças de 4 até 12 anos de idade, com incentivo a uma leitura que democratize a informação e o desenvolvimento educacional, cultural e social da comunidade. Além de promover a formação e criatividade do indivíduo, possibilita também a elevação da auto-estima e a integração social, despertando uma visão crítica e consciente.

O projeto ocorre na sede do SERPAJUS, no bairro do Pedregal que fica no município do Novo Gama, que conta apenas com uma biblioteca municipal e localizada na região central do Novo Gama-GO e é caracterizada como monoestática e não dinâmica. A sede do SERPAJUS também abriga uma biblioteca comunitária, que é outro projeto da UnB e apresenta arquivo rico de livros e acervo constantemente renovado.

Os idealizadores de projetos de bibliotecas comunitárias tendem a apresentar como algo diferente das bibliotecas públicas, vinculadas à esfera governamental: almejam construir bibliotecas que tenham a cara de suas comunidades, que sejam espaços de acolhimento e de convivência e que tenham suas ações e serviços organizados com base

na realidade e conhecimento locais (FLUSER, 1980 *apud* MACHADO, 2008).

Os livros da biblioteca comunitária são utilizados pelos participantes do projeto, pelas crianças e utilizados em oficinas que ocorrem no projeto, estando também aberto para que pais e toda a comunidade tenham a oportunidade de utilização do acervo.

O projeto tem como objetivos:

- 1) Proporcionar a democratização do acesso ao livro e à informação, com atividades que apoiem práticas de incentivo à leitura e que contribuam para a construção do indivíduo consciente, tornando-se uma importante ferramenta de inclusão social para a comunidade.
- 2) Incentivar o hábito de leitura sob uma perspectiva emancipadora, oferecendo ao público beneficiário um convívio com a arte, a ludicidade e a criatividade.
- 3) Contribuir, por meio de práticas pedagógicas, com o desenvolvimento motor, cognitivo e da linguagem das crianças.

Para alcançar tais objetivos, o projeto conta com uma equipe composta pelo professor coordenador Erlando Rêses, cerca de 10 estudantes do Curso de Pedagogia da UnB e integrantes do SERPAJUS.

[...] todo signo [...] resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação [...] realizando-se no processo de relação social, todo signo é ideológico, e, portanto, também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados (BAKHTIN, 1988, p. 44).

Todas as decisões são tomadas por toda a equipe e embasadas nas diretrizes do projeto, os encontros com as crianças são planejados aos sábados, sempre considerando a opinião das próprias crianças. Após cada encontro com as crianças há uma reunião pedagógica para avaliação do dia e planejamento das próximas atividades.

Uma educação que, pelo processo dinâmico, possa ser criadora e libertadora do homem. Planejar uma educação que não limite, mas que liberte que conscientize e comprometa o homem diante do seu mundo. Esta é o teor que

se deve inserir em qualquer planejamento educacional (OLIVEIRA. 2007 p.27).

O planejamento das atividades do projeto tem por base os objetivos do LeiA, de forma democrática, o posicionamento das crianças e dos integrantes do projeto. A leitura é a base do projeto, mas durante cada planejamento pensamos como extravasar essa leitura, para que gere ação na criança e todos possamos compartilhar além da companhia, ideias, opiniões e indagações.

Este é mais um projeto de extensão, que além de trazer enormes benefícios aos que o desempenham, como o enriquecimento profissional e pessoal, traz também benefícios para toda a sociedade, aliando o conhecimento científico à vida social.

Todos se sentem parte desta ação, onde universidade e comunidade traçam ações coerentes, onde ambas são beneficiadas. Ações como essa requerem comprometimento, a responsabilidade é fundamental por parte dos envolvidos em seguir diretrizes para que os objetivos sejam alcançados. Assim, FREIRE (1970, P.101) relata:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas da minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos é meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu “saber de experiência feito” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço (FREIRE, 1970, p.101)

Superar o modelo tradicional de ensino, a educação formal, trazendo um novo modelo educacional, a educação não formal, utilizando a leitura como ponto de partida para emancipação e criticidade da população, com crianças que serão o futuro desta comunidade, esse é o ponto central deste projeto e também é um desafio. Quebrar a lógica da “educação bancária” que Paulo Freire nomeia, é uma tarefa complexa, uma vez que esta ainda é

predominante em nossa sociedade, contudo é por meio de novas ações como o projeto LeiA, que novas experiências de práticas da educação não formal estão se tornando modelos, quebrando preconceitos e trazendo melhorias para toda a sociedade, que colherá os benefícios vindos em um futuro não distante.

6. METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi realizada com seis participantes do projeto LeiA, todos estudantes do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. Todos os participantes foram convidados a contribuir com suas respostas, contudo a opção de aceitar ou não cabia individualmente .

Para a coleta dos dados necessários a esta pesquisa foi escolhido o instrumento de pesquisa conhecido por questionário. Foi elaborado um questionário simples com três perguntas objetivas.

O questionário segundo Gil (1999, p.128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por questões por escrito apresentadas às pessoas tendo por objetivo o conhecimento de crenças, opiniões, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc”.

O questionário foi elaborado e distribuído em um aplicativo utilizado para comunicação de todo o projeto e também enviado digitalmente para cada participante, via celular.

Cunha (1992) aponta as vantagens e desvantagens do questionário. Vantagens: método rápido em termos de tempo; baixo custo; permite se atingir uma grande população dispersa; da maior grau de liberdade e tempo ao respondente; dá a possibilidade de serem menores as distorções; permite a obtenção de dados muitas vezes superficiais e os dados mais detalhados podem ser obtidos com as questões certas. Desvantagens: dificulta o esclarecimento de dúvidas; nem sempre refletem os problemas dos usuários, a terminologia pode ser inadequada; o índice de resposta é quase sempre baixo; muitos questionários não são computados; difícil saber se a resposta foi espontânea e as respostas podem ser afetadas ou direcionadas.

O questionário com suas respostas reflete a realidade que ocorre no projeto com riqueza de detalhes e este é o motivo da escolha dele, mas de um que seja elaborado com a metodologia qualitativa na realização desta pesquisa.

De acordo com Godoy (1995. p.63,): “quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada”.

Para esta pesquisa, a metodologia qualitativa é a mais apropriada para que o fenômeno seja analisado, uma vez que analisamos, além do projeto LeiA, os sujeitos envolvidos e suas experiências no projeto.

Wilson (2000) ao falar sobre a pesquisa qualitativa e o processo de busca pela informação, diz que:

./../ tem-se um melhor entendimento do usuário para a projeção de serviços de informação mais efetivo e um melhor entendimento para a criação de teorias sobre o comportamento e o uso da informação (WILSON, 2000,p.31).

Ao responderem as perguntas do questionário, os participantes do projeto relatam o que fazem e o veem seus parceiros de equipe fazendo, o que sentem, o que enfrentam na organização do projeto e o que segundo suas experiências melhoraria o trabalho destes.

Seis participantes do projeto LeiA responderam ao questionário. Todos estão no projeto desde sua criação, em 2017, e são estudantes da UnB, cursando entre o 4º e o 8º semestre do curso de Pedagogia e matriculados em Projeto 3 ou 4 do currículo do Curso ou atuam como extensionistas.

A primeira pergunta questionava sobre qual era o papel do pedagogo no projeto LeiA e as respostas tratam sobre a mediação entre a criança e o universo da leitura e a afetividade usada para que tal finalidade seja alcançada. As expressões “ponte” e “trabalho mais humanitário” mostram isso nas falas presentes nos questionários. Está presente também nas falas a importância das atividades que são planejadas pelos participantes do projeto, importância essa relacionada ao que será despertado e desenvolvido na criança a partir de tais atividades.

Freire (1996, p.52) diz que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O pedagogo em exercício de sua função deve estar atento a responsabilidade de suas práticas e a tudo que estas podem gerar na criança. As atividades devem estar sempre baseadas na proposta principal do projeto, que é uma leitura ativa.

Rousseau (1994, p.23) chega a afirmar, assim, que “o aluno deve sobretudo ser amado [...]” e esta é uma das características do projeto. Os pedagogos buscam em suas atitudes transmitir carinho para as crianças, uma vez que todos se tratam como uma grande família e não uma escola.

A afetividade se faz presente nas ações do projeto. Antunes (2007, p.54) diz que:

o professor precisa conquistar o aluno, utilizar a transmissão de conhecimento de forma positiva, a fim de envolvê-lo, motivá-lo com palavras de incentivo e expressões positivas, pois o grau de envolvimento afetivo e emocional do professor interfere positiva ou negativamente no processo de aprendizagem do aluno.

Na tentativa de distanciamento da educação escolar, a afetividade é mais uma ferramenta presente no projeto, como um atrativo para que as crianças sintam-se acolhidas. Essa prática do projeto se mostra nas falas como sendo de um “trabalho humanitário” e “o pedagogo utiliza-se do carinho na construção de um espaço acolhedor”.

Uma das respostas aponta o pedagogo como um dos principais responsáveis em inserir a criança no universo da leitura e o programa LeiA se mostra como mais uma oportunidade, além da escolar, onde o pedagogo pode desempenhar tal função.

Nunes (2012, p.15) afirma que é preciso que os professores leiam para seus alunos e que tenham disponibilidade para realizar uma leitura diversificada, pois “precisa-se sempre de incentivos e diversificação de livros, revistas, textos, histórias infantis, para chamar a atenção do aluno, para despertar a curiosidade e desenvolver o gosto pela leitura”.

Ao analisar a segunda questão do questionário sobre as limitações enfrentadas pelo pedagogo no projeto, a falta de investimentos para aprimoramento material se mostra em diferentes falas. Ao apontarem em suas falas o espaço e o material como limitações, tais questões refletem como a questão da falta de recursos financeiros limita as ações no projeto.

Outro problema é a realidade das crianças e suas famílias. Uma limitação que apareceu nos questionários é a falta de participação das famílias no projeto. O “contexto da criança” e o “contexto em que o programa se encontra” refletem como o lado social da vida das crianças e de toda a comunidade são fatores a serem enfrentados pelo LeiA. Contudo esta é uma das razões do projeto existir e suas atividades visam transformar a realidade das crianças que participam deste.

Outro problema relatado ocorre pelo fato de que o projeto é principalmente planejado por estudantes do curso de Pedagogia, que utilizam-se do que é aprendido na universidade e de suas experiências educativas para pensarem nas atividades do projeto.

Nos relatos sobre os problemas enfrentados, aparecem as seguintes frases: “mais organizações didáticas para as crianças” e “falta de um real preparo mais adequado”. Mostra-se que há uma consciência da importância do trabalho realizado por eles, mas que sentem a falta de mais conhecimentos.

A terceira e última pergunta do questionário que pergunta quais ações poderiam melhorar o trabalho do pedagogo no projeto uma resposta se sobrepõe às outras, o apoio especializado de outros profissionais. Na busca de melhoria efetiva na vida das crianças, o trabalho de outros profissionais auxiliando o trabalho do pedagogo seria de grande importância. O psicólogo é citado em uma das falas como um profissional que aprimoraria a prática do pedagogo no projeto, utilizando seu trabalho tanto com alunos como com todos os envolvidos na execução do projeto.

A questão financeira mais uma vez aparece, pois uma das falas sugere que os participantes colaborassem com dinheiro no investimento para as atividades do projeto.

Contudo, a fala “estamos no caminho da melhora”, mostra otimismo ao enfrentamento de barreiras e solidificação do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pedagogo no projeto LeiA é responsável pelo planejamento de todas atividades, baseadas nas diretrizes do projeto e que partam do tema central dele, que é a leitura. Este profissional é indispensável para manutenção e execução do projeto e está sempre pensando em ações que o tornem acolhedor e agradável para que as crianças possam desenvolver suas habilidades.

Utilizando a afetividade para que o espaço e as interações no projeto ocorram de forma agradáveis, o pedagogo planeja e executa atividades baseadas nas diretrizes do LeiA. Todas as atividades são relacionadas ao tema principal do projeto, que é a leitura.

O contexto das crianças que vivem em um dos municípios mais violentos do Brasil e convivem com diversos problemas sociais aliados a falta de participação das famílias, tornam o trabalho do pedagogo mais difícil, uma vez que suas atividades muitas vezes se restringem somente ao período de execução.

A falta de recursos financeiros no projeto é outro problema que limita as ações do pedagogo, atividades interessantes deixam de ser realizadas por falta de dinheiro, e o espaço e o material também são influenciados por este fator.

Outros profissionais poderiam aprimorar o trabalho do pedagogo oferecido às crianças, problemas além dos educacionais poderiam ser tratados e diferentes potencialidades poderiam ser desenvolvidas nas crianças.

Contudo, indiferente às limitações, o projeto continua seu belo trabalho, trazendo conhecimento e desenvolvimento para as crianças por meio da leitura.

Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. [...] É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens. (COELHO, 2000, p. 15).

A leitura pode transformar, sua prática se transforma em ideias, pensamos, desenvolvemos opiniões e ações e o livro é o objeto que torna tudo isso capaz.

O fato do projeto poder contar com a utilização dos livros da biblioteca comunitária é favorável a manutenção das atividades realizadas com as crianças.

A leitura por si só, já é uma atividade que desenvolve diferentes habilidades, como a criatividade e o vocabulário. Contudo, a leitura associada à diferentes atividades, pensadas e planejadas previamente, é uma ação com potencial para o desenvolvimento da criança e também do pedagogo, considerando o processo e desenvolvimento de tais atividades.

O projeto é fundamental para as crianças, a comunidade e também para a Universidade de Brasília e a Faculdade de Educação.

As crianças são beneficiadas com seu desenvolvimento, a oportunidade de terem contato com uma diversidade de livros de qualidade, além de terem um momento de socialização agradável.

A comunidade ganha por abrigar um projeto de qualidade, que investe nas crianças-futuras responsáveis por esta comunidade.

Já a universidade é beneficiada pela produção científica produzida com base no projeto, as atividades desempenhadas por seus estudantes, que podem associar a teorias à prática e ao desenvolverem um de seus pilares essenciais, que é o da extensão.

Ações importantes assim devem ser implementadas e sua manutenção assegurada, uma vez que suprem diversas necessidades da população e trazem diversos benefícios a todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé Costa Mores. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho**. São Paulo, Ed. Parábola, 2007

BAKHTIN, (Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

COELHO, Nelly Novais; **Literatura Infantil: Teoria Análise Didática**. Edit. Moderna, 1º Ed. São Paulo 2000.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo**. In: FRIEDMANN, Adriana et al. O direito de brincar: a brinquedoteca. 2. ed. São Paulo: Scrita: ABRINQ, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

, Paulo. (1970). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, Mai./Jun. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>> Último acesso em 26/06/2016.

GOHN. Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____, Maria da Glória Marcondes. **Educação não-formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010,

_____, María da Gloria Marcondes. (2008): **Novas teorias dos movimentos sociais**, São Paulo: Edições Loyola,

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos – **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**, 2006, 21º edição.

_____, J. C. Prefácio. In: GUIMARÃES, V.S. **Formação de Professores: saberes, identidade e profissão**. 5ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2010.

NUNES, Luiz Antônio Rizzatto. **O Princípio Constitucional da Dignidade da Pessoa Humana: Doutrina e Jurisprudência**. São Paulo: Saraiva, 2002,

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

RÊSES, Erlando da Silva; SILVA, Luiz Alves da. Universidade e movimentos sociais na periferia da metrópole: parceria no Entorno Sul do DF. In: **RÊSES, Erlando da Silva (org). Universidade e Movimentos Sociais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p.87-115.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. 1ª ed. São Paulo: Global,2010

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

SOUZA, Hamilton Octávio de & MERLINO, Tatiana (orgs.). **Desenvolvimento do Trabalho: 50 profissões de Futuro**. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2011.

ANEXOS

Perguntas do questionário:

- 1- Qual a função do pedagogo no programa Leia?
- 2- Quais as limitações enfrentadas pelo pedagogo no programa?
- 3- Quais ações poderiam melhorar o trabalho do pedagogo no programa?

Respostas dos sujeitos:

Sujeito 1

1 - Eu acredito que o pedagogo/educador é um dos principais responsáveis em inserir a criança neste universo de leitura desde o início da escolarização, por isso acredito que o pedagogo no Projeto Leia tem o papel principal de ser "ponte" no inserir um leitor em nossa sociedade e também levar cada criança a ter vivência de emoções, criatividade e imaginação através das leituras.

2 - Muitas vezes nossa limitação, pode ser de "tempo" e também de mais organizações didáticas para as crianças.

3 - acredito que estamos no caminho para a melhora, podemos criar mais condições para que as crianças sejam mais estimuladas em sua imaginação, em seu desenvolvimento (em relação a leitura), ampliando cada vez mais os repertórios de palavras e inserindo mais as vivências do dia a dia deles em nossos momentos no Leia. As crianças precisam tornar mais "parceiras" do projeto e não apenas "que vão para o projeto", crianças que vão aprender a sonhar com o poder da leitura. Crianças que futuramente poderão estar expandindo o projeto no meio do município deles.

Sujeito 2

1- Eu diria que a principal função de nós pedagogos dentro do projeto seria exercer um trabalho mais humanitário para com as crianças que participam um trabalho onde essas crianças possam explorar ao máximo sua autonomia e possam descobrir a partir da leitura e

das oficinas lúdicas um novo universo e tenham a partir disso uma nova perspectiva do que é a leitura para além da sala da aula.*

2-As limitações são constantes, porém tem sido algo que a equipe procura sempre superar, os desafios, as dificuldades encontradas são os mais variados desde ao espaço físico até questões que estão diretamente relacionados com as crianças e com suas famílias.

Muitas dessas limitações infelizmente são inatingíveis por parte da equipe que trabalha com as crianças, mas não por falta de esforço, mas talvez por parte de um real preparo mais adequado.

3-A expansão do projeto seria algo crucial para o trabalho do pedagogo dentro do projeto e levar a ideia a outros cursos como, por exemplo, a psicologia, seria algo extraordinário e fundamental para o desenvolvimento das atividades e até mesmo a mediação de alguns conflitos.

Sujeito 3

1-Estar presente em uma situação de educação não formal onde forma um espaço de estímulo para as crianças seja lendo, socializado e ensinando e aprendendo.

2-Uma das limitações é de vermos só as crianças uma vez por semana e ainda assim algumas crianças não aparecem para a continuação de um trabalho pedagógico que a ajudem na escola.

3-Ter contando com outras áreas, outros cursos. Isso iria auxiliar em coisas no que se trata de temas a trabalhar com as crianças.

Sujeito 4

1-A função do pedagogo no LeiA é bem ampla. Ele(a) tem a função de planejar atividades, bem como o planejamento do semestre de atividades. Gestão de recursos.

Regência durante as oficinas, a frente de atividades pedagógicas que envolvam a leitura.

Coordenação pedagógica do projeto tbm fica sob responsabilidade dos pedagogos e pedagoga em formação.

2-As limitações são mais em relação a espaço, material... Mas tbm com a relação com os pais e a comunidade.

3 - Ações que poderiam melhorar o trabalho seria apoio especializado como a integração com a psicologia por exemplo. O LeiA trabalha com uma realidade muito longe do ideal, às vezes

tanto participante quanto as crianças precisam de orientação psicológica pra lidar melhor com problemas enfrentados durante as ações.

Sujeito 5

1-A função do pedagogo no leia não estar vinculado a uma prática docente da forma que estamos acostumados a presenciar nas escolas, até porque a identidade do leia é a educação popular. A ideia surgiu da vontade de incentivar o gosto pela leitura nas crianças para que pudessem ser autônomas do seu próprio conhecimento e por em prática tudo aprendido. Leia(daí surgiu o nome que seria leitura e ação). Portanto, o pedagogo no projeto tem o papel fundamental de ser mediador do conhecimento, mostrar diversidade do mundo da escrita, encantar as crianças, sem desvincular é claro do lado pedagógico por trás das ações. 2- As maiores limitações, acredito que seja a falta de recursos financeiros para oferecer mais para as crianças carentes, como: oferecer livros para elas para que assim pudessem ter de fato mais contato com o mundo da escrita, uma estrutura física mais aconchegante para elas. 3- Acredito que pessoas que pudessem ser os benfeitores e ajudassem de forma financeira, seria um facilitador do trabalho do pedagogo.

Sujeito 6

1- A função principal do pedagogo no Leia é utilizar- se do tempo disponível para realizar atividades baseadas na leitura que possam desenvolver habilidades nas crianças e trazer reflexão sobre a realidade destas. O pedagogo utilizá-lo se do carinho para promover um ambiente acolhedor, onde a criança se sinta bem para se desenvolver.

2- A falta de experiência dos envolvidos, a pouca participação das famílias e o próprio contexto em que o projeto se encontra. A questão financeira também atrapalha, uma vez que grandes atividades não ocorrem por falta de dinheiro.

3- O trabalho de outros profissionais enriqueceria e muito o projeto, onde o suporte dado às crianças poderia chegar a outras dimensões, além da educacional.

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação - FE
FICHA DE INSCRIÇÃO
Projeto LeiA

NOME: _____

Data de Nascimento: _____

Responsável:

Alérgico?
() Não

() Sim



Se sim, informar a alergia _____

Estuda?

() Sim () Não

Se sim, informar a série

Observações

Quem é autorizado a buscar a criança no projeto?